

## REPORTAGEM

### Indústria química quer 4% do petróleo

Setor cobra do governo reserva de barris produzidos no país para a utilização na fabricação de matéria-prima. Hoje, 30% dos insumos vêm de fora; Braskem quer garantir parte das reservas do pré-sal para a produção de resinas

A indústria química brasileira, dona de 3% do PIB e de um faturamento anual de US\$ 120 bilhões, reivindica parcela de 4% de todo o petróleo nacional. Pelo atual nível de reservas (o que inclui pré-sal e pós-sal), o setor teria hoje entre 1,2 bilhão e 1,4 bilhão de barris de petróleo para usar nos próximos anos. Como a indústria fala em percentuais, e não em barris, o total assegurado pode subir, dadas as pesquisas ainda em andamento no pré-sal e que resultarão -é a previsão- em mais reservas.

O pedido de garantia de matéria-prima faz parte do pacto nacional da indústria química, entregue ao governo e que prevê investimento de US\$ 167 bilhões até 2020.

"Com essa nova oferta, é importante que haja um incentivo do governo para que de 3% a 4% da produção nacional [de petróleo] vá para a indústria, para ser utilizada como matéria-prima", disse à Folha o presidente da Braskem e da Abiquim (Associação Brasileira da Indústria

Química), Bernardo Gradin. O restante seria destinado à produção de combustíveis.

Segundo Gradin, a indústria química importa cerca de 30% dos insumos (principalmente nafta, um derivado do petróleo) que consome. E a falta de matéria-prima barata é apontada como entrave à capacidade de competir com os produtos importados. O déficit do setor químico foi de US\$ 15,7 bilhões em 2009, e projeções indicam que deve ir a US\$ 20 bilhões em 2010. Para o setor, parte do que é importado poderia ser produzida no país.

Parte da chamada indústria de base da economia, o setor químico produz insumos para uma infinidade de bens, como fios para tecidos, plástico para carros, eletrodomésticos e aviões, além de defensivos e fertilizantes. A Petrobras é peça-chave no novo modelo proposto por Gradin, pois é a principal fornecedora de matéria-prima para a



indústria química. A estatal já teve papel central na construção da atual Braskem, ao bancar bilhões de dólares para reunir o parque petroquímico brasileiro em uma só empresa, controlada pelo grupo Odebrecht.

Agora, a expectativa da megacompanhia petroquímica, que controla o fornecimento de 100% das principais resinas consumidas pelo país, é por garantia no fornecimento de insumos. "A estratégia da Braskem, endossada pelo seu conselho e também pela Petrobras, tem uma visão de matéria-prima competitiva para o longo prazo", afirma Gradin. Acionista relevante da Braskem, a Petrobras pode fazer a diferença. A questão é saber como ficam outros grupos - que também sofrem com a falta de insumo. (Tatiana Freitas e Agnaldo Brito — Folha de São Paulo).

## CONTRA PONTO

Uma das grandes ausências do chamado "Pacto Nacional da Indústria Química", apresentado pela ABIQUIM ao governo federal, é a falta de uma política de valorização salarial e de melhoria das condições de trabalho, visando maior igualdade de condições entre os segmentos do ramo químico. Em todo o documento apresentado pelos representantes da indústria química sobre os investimentos até 2020 não há uma única palavra sobre estes temas. Sabemos que existe uma grande desigualdade salarial e de condições de trabalho entre os segmentos do ramo químico, sendo o segmento plástico o menos estruturado, com o maior índice de empregos precários e de acidentes de trabalho. Por outro lado, o segmento farmacêutico, responsável pelas maiores médias salariais do ramo químico, é um dos que concentra o maior número de empregos informais, sem qualquer proteção social, num mercado dominado

pelos empresas multinacionais e extremamente dependentes de insumos importados.

Além disso, embora seja responsável por criar um clima mais favorável à luta pela valorização salarial, o crescimento econômico, quando desprovido de políticas públicas voltadas para a valorização do trabalho, tenderá sempre a aumentar a concentração de renda nas mãos de poucos. Por este motivo um plano de investimento deste porte, envolvendo recursos públicos, não pode deixar de enfrentar estes problemas estruturais que envolvem o emprego no ramo químico. É papel dos sindicatos lutarem para que os recursos públicos destinados para o desenvolvimento do complexo industrial químico no país incluam um leque de políticas públicas que obrigue



este setor industrial em garantir uma política de valorização salarial e de melhoria das condições de trabalho. Caso contrário este plano de financiamento não passará de uma drenagem de recursos públicos para os bolsos privados, sem maiores repercussões para a qualidade de vida dos trabalhadores.

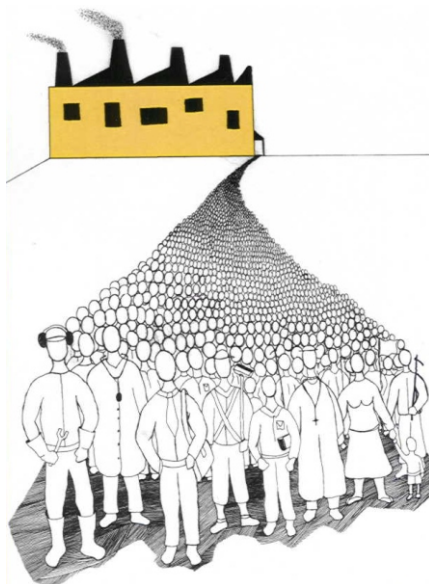
# Reestruturação mundial da Merck atingirá fábrica em São Paulo

O grupo Merck Sharp Dome (MSD), que reúne as farmacêuticas Merck e Schering-Plough, informou que a reestruturação mundial do grupo, que prevê o fechamento de 16 unidades e a demissão de 15 mil pessoas, deverá atingir uma fábrica no Brasil.

Em nota enviada ao Valor, a MSD disse que pretende vender ou fechar sua unidade de Santo Amaro, na zona sul da capital paulista, onde trabalham 270 pessoas. A previsão é que o encerramento das atividades ocorra após 2012.

Em «contrapartida», a companhia fará investimentos na fábrica de Sousas, em Campinas (SP), para aumentar a produtividade e transformá-la em um polo exportador para a América Latina. A fábrica de Barueri (SP), Diosynth, continuará fazendo parte da rede global de suprimentos químicos da MSD. A Merck afirmou ainda que a reestruturação não envolve as 29 fábricas de saúde animal Intervet/Schering-Plough que a MSD possui em todo o mundo, sendo três unidades no Brasil.

As promessas de investimento no entanto não podem esconder um fato: o desemprego é a expressão de uma política em que o setor químico, para aumentar sua competitividade, sempre penaliza os trabalhadores.

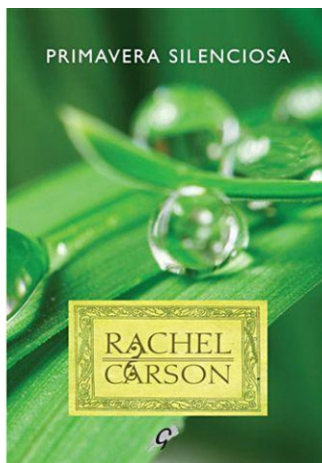


## Primavera Silenciosa

Em 2000, a Escola de Jornalismo de Nova York consagrou Primavera silenciosa como uma das maiores reportagens investigativas do século XX. Em dezembro de 2006, premiando a memória e o legado de Rachel Carson, o jornal britânico The Guardian conferiu a ela o primeiro lugar na lista das cem pessoas que mais contribuíram para a defesa do meio ambiente de todos os tempos.

Esta edição apresentada pela Editora Gaia inclui um posfácio do escritor e cientista Edward O. Wilson e uma introdução da biógrafa Linda Lear, que discorre sobre a história corajosa de Carson na defesa de suas convicções diante do ataque impiedoso e covarde da indústria química logo após a publicação deste seu livro e antes de sua morte prematura, em 1964.

Rachel Louise Carson (27 de Maio, 1907 — 14 de Abril, 1964) foi uma zoóloga, bióloga e escritora americana, cujo trabalho principal, Silent Spring (Primavera Silenciosa), é geralmente reconhecido como o principal impulsionador do movimento global sobre o Ambiente. Rachel Carson começou a sua carreira como bióloga nos Estados Unidos, no U.S. Bureau of Fisheries, e em 1950 tornou-se escritora da natureza. Em 1951 escreveu e publicou o seu primeiro livro, o best-seller The Sea Around Us. Este livro garantiu-lhe notoriedade como escritora. Depois seguiu-se The Edge of the Sea, também um best-seller. Carson republicou o seu primeiro livro, sob o nome Under the Sea-Wind. No final dos anos 1950s, Carson virou sua atenção para conservação e para os problemas ambientais causados pelos pesticidas sintéticos. O resultado foi Silent Spring - Primavera Silenciosa - (1962), que trouxe preocupações ambientais sem precedentes para uma parcela da opinião pública americana. Silent Spring impulsionou uma inversão na política nacional pesticida levando a uma proibição nacional sobre DDT e outros pesticidas, despertando a ira da indústria química.



## O Brasil que não muda!

O Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) divulgou em julho o Cadastro de Empregadores atualizado, que inclui informações sobre patrões pegos em flagrante utilizando trabalho escravo em seus empreendimentos. Chamado de “lista suja”, a atualização do cadastro mais uma vez confirmou que é agronegócio o líder na exploração de trabalhadores. A Lista atualizada contém o nome de 152 pessoas físicas e jurídicas.



## Indústria Química

### Vendas internas cresceram 10,92%

De janeiro a maio de 2010, sobre iguais meses do ano anterior, os índices de volume de produção e de vendas internas do segmento de produtos químicos de uso industrial, segundo informações preliminares calculadas pela Abiquim, tiveram crescimento expressivo: produção +13,12% e vendas internas +10,92%. Na comparação dos últimos 12 meses, sobre igual período anterior, as variações também são positivas: índice de produção +11,18% e vendas internas +4,75%. Tais resultados podem ser atribuídos à recuperação do mercado interno e também à base de comparação deprimida do ano anterior. A utilização da capacidade instalada chegou a 82% nos primeiros cinco meses deste ano, seis pontos acima da média (76%) alcançada nos primeiros cinco meses de 2009. A variável pessoal ocupado acumulou alta de 0,81% de janeiro a maio de 2010, recuperando parte das perdas de 2009, quando foi registrado o decréscimo de 2,98% no número de pessoas trabalhando no segmento.

Segundo a CNI (Confederação Nacional da Indústria), no acumulado do 1º quadrimestre do ano, sobre igual período anterior, o faturamento real da indústria subiu 12,1%. No acumulado do ano, dos 19 setores analisados, 17 registraram alta. Dentre os resultados positivos, destaca-se o do setor de produtos químicos, que nessa comparação, teve alta acima da média, de 16,8%. Apenas dois setores recuaram em termos de faturamento: outros equipamentos de transporte (-14,4%) e refino e álcool (-11,7%) (Fonte: ABIQUIM-RAC, junho/2010).

## SAÚDE DO TRABALHADOR

O governo Serra foi flagrado por uma auditoria federal desviando recursos do Fundo Estadual de Saúde para a Conta Única do Estado. Diz a auditoria nº 8228/2009 realizada pelo DENASUS (Departamento Nacional de Auditoria do SUS do Ministério da Saúde), que analisou os anos de 2006 e 2007. Entre as irregularidades contatadas pela auditoria, conta a paralisia dos gastos com a saúde do trabalhador.

No dia 31/12/2006, último dia do exercício, o saldo na conta de Saúde do Trabalhador, que financia as atividades do Centro de Referência em Saúde do Trabalhador (Cerest) estadual, era correspondente a 405,72%, mais de 4 vezes o repasse federal daquele ano. Isso quer dizer que existiam mais de 3 anos de dinheiro parado, sem enfrentar o grave quadro de acidentes de trabalho e doenças profissionais que atingem os trabalhadores no Estado. Canaveiros, motoristas, trabalhadores da construção civil e da indústria química, motoboy entregues à própria sorte, enquanto a Secretaria ficava sentada sobre os recursos federais repassados ano após ano.